

# MULHERES EM USO ABUSIVO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS: PERCEPÇÃO DA PARTICIPAÇÃO EM GRUPO TERAPEUTICO EM UM CAPS AD DE RECIFE

Dione Oliveira da Silva<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente estudo é descritivo de abordagem qualitativa e que objetiva avaliar a participação de mulheres em uso abusivo de Substâncias Psicoativas (SPAs) em um grupo terapêutico de um CAPS AD de Recife. Para a coleta dos dados, realizada entre outubro e novembro de 2024 com nove mulheres, utilizou-se um roteiro de entrevista e um gravador de áudio. O conteúdo foi analisado de acordo com a metodologia de Análise de Conteúdo proposta por Bardin e passou pelo processo de transcrição, codificação e categorização. A partir disso, originou-se o delineamento de três categorias: o luto como motivo para o uso de substância psicoativa e a busca pelo cuidado em saúde mental; o ponto de vista das mulheres acerca do grupo terapêutico; atribuição dos significados produzidos a partir da presença das mulheres no grupo terapêutico. Entende-se que o uso abusivo de SPAs está relacionada a questões de ordem emocional e psicológica e que a procura pelo serviço ocorre através de encaminhamentos. Foram sinalizados pontos positivos, negativos e sugestões de atividades no grupo e a percepção das mulheres no grupo com a prevalência masculina. Sintetizando a isso, mais estudos sobre a temática pode fomentar políticas e/ou programas para as mulheres inseridas na RAPS.

**Palavras-chave:** centros de atenção psicossocial; grupos terapêuticos; mulher; saúde mental; substâncias psicoativas.

---

<sup>1</sup>Terapeuta Ocupacional, residente em saúde mental pelo Instituto de Medicina Prof. Fernando Figueira – IMIP. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-6688-6257>. E-mail: [dioneos.terapeutaocupacional@pessoa.com](mailto:dioneos.terapeutaocupacional@pessoa.com).

## *WOMEN IN ABUSIVE USE OF PSYCHOACTIVE SUBSTANCES: PERCEPTION OF PARTICIPATION IN A THERAPEUTIC GROUP AT A CAPS AD IN RECIFE*

### **ABSTRACT**

The present study is descriptive, with a qualitative approach, with the goal of evaluating the participation of women in the abusive use of Psychoactive Substances (PSAs) within a therapeutic group of a CAPS AD in Recife. Data collection, conducted between October and November 2024 with nine women, used an interview script and an audio recorder. The content was analyzed following the Content Analysis methodology proposed by Bardin and was transcribed, coded, and categorized. From this, three categories emerged: grief as a motive for psychoactive substance use and the search for mental health care; women's perspectives on the therapeutic group; and the attribution of meanings produced from the presence of women in the therapeutic group. It is understood that the abusive use of PSAs is related to emotional and psychological issues and that the search for services occurs through health referrals. Positive and negative aspects were noted, as well as suggestions for group activities and the perception of women within a mostly male group. In summary, further studies on the topic could promote policies and/or programs for women within RAPS.

**Keywords:** psychosocial care centers; therapeutic groups; women; mental health; psychoactive substan.

## *MUJERES EN USO ABUSIVO DE SUSTANCIAS PSICOACTIVAS: PERCEPCIÓN DE LA PARTICIPACIÓN EN UN GRUPO TERAPÉUTICO EN UN CAPS AD DE RECIFE*

### **RESUMEN**

El presente estudio es descriptivo, con un enfoque cualitativo, y tiene como objetivo evaluar la participación de mujeres en el uso abusivo de Sustancias Psicoactivas (SPA) en un grupo terapéutico de un CAPS AD en Recife. La recolección de datos, realizada entre octubre y noviembre de 2024 con nueve mujeres, utilizó un guion de entrevista y un grabador de audio. El contenido fue analizado de acuerdo con la metodología de Análisis de Contenido propuesta por Bardin y pasó por los procesos de transcripción, codificación y categorización. A partir de ello, se delinearon tres categorías: el duelo como motivo para el uso de sustancias psicoactivas y la búsqueda de atención en salud mental; las perspectivas de las mujeres sobre el grupo terapéutico; y la atribución de significados producidos a partir de la presencia de las mujeres en el grupo terapéutico. Se entiende que el uso abusivo de SPA está relacionado con cuestiones emocionales y psicológicas y que la búsqueda de servicios ocurre a través de derivaciones. Se señalaron aspectos positivos, negativos y sugerencias de actividades en el grupo, así como la percepción de las



mujeres en un grupo con prevalencia masculina. En síntesis, más estudios sobre el tema pueden fomentar políticas y/o programas para las mujeres incluidas en la RAPS.

**Palabras clave:** centros de atención psicossocial; grupos terapêuticos; mujer; salud mental; sustancias psicoactivas.

## INTRODUÇÃO

O novo cuidado em saúde mental oriundo da reforma psiquiátrica possibilitou em 2002 a instituição de duas portarias para consolidação dessa abordagem: a portaria nº 336 que criou o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e a portaria nº 816 a qual instituiu o Programa Nacional de Atenção Comunitária Integrada a Usuários de Álcool e outras Drogas, que reconhece o consumo nocivo enquanto problema de saúde pública, principalmente, na saúde mental (BRASIL, 2002).

No ano seguinte, em 2003 foi lançada a Política do Ministério da Saúde para Atenção Integral em saúde ao usuário de Álcool e outras Drogas, passando a se orientar pela Redução de Danos (BRASIL, 2003). É uma estratégia de saúde para tratamento de pessoas com necessidades relacionadas ao consumo de drogas a fim de oferecer condições menos danosas à saúde e sem necessariamente interferir no consumo, descartando a lógica da abstinência e da internação como únicas alternativas de cuidado (SURJUS; FORMIGONI; GOUVEIA, 2018).

O marco das duas portarias e da política supracitada possibilitou a criação da lei nº 11.343/2006 que institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas – SISNAD (BRASIL, 2006). A criação desta política, lei e portarias, foi base para a instituição da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) pela portaria GM/MS nº 3.088/2011.

A RAPS possibilita uma nova dimensão ao conjunto das ações em saúde mental no SUS com a garantia da articulação e da integração dos serviços de atenção das redes de saúde no território (BRASIL, 2011). É formada pelos seguintes pontos de atenção: Atenção Primária à Saúde (APS), Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), Unidades de Acolhimento (UA), Serviços Residências



Terapêuticos (SRT), Programa de Volta para Casa (PVC), Unidades de Pronto Atendimento (UA), SAMU, Hospitais Gerais, Consultório na rua e Centros de Convivência e Cultura (BRASIL, 2011).

Uma modalidade de CAPS é o Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas - CAPS AD, que realiza atenção em saúde mental para pessoas de todas as faixas etárias que apresentam intenso sofrimento psíquico decorrente do uso de álcool e outras drogas e outras situações clínicas que impossibilitam estabelecer laços sociais e realizar projetos de vida (BRASIL, 2002). É composto por uma equipe multidisciplinar e as atividades realizadas consistem em acolhimento inicial, diurno e noturno, atendimento individual, grupo, oficinas terapêuticas, visitas domiciliares, articulação intersetorial, ações de redução de danos e entre outras ações (BRASIL, 2011; TREVISAN; CASTRO, 2019).

Em seu funcionamento, o CAPS AD oferece atividades em grupo que são consideradas como uma estratégia de cuidado indispensável, sobretudo, uma das principais formas de tratamento (NUNES et al, 2022). Além disso, o autor supracitado afirma que as mulheres inseridas no referido serviço que participam dos grupos alcançam resultados terapêuticos, implicando na busca de autonomia e protagonismo.

Conforme o Relatório Mundial sobre Drogas, publicado em 2023 pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC), o número de pessoas que sofrem de transtornos associados ao uso de drogas subiu para 39,5 milhões no mundo, um aumento de 45% em 10 anos. No que concerne ao uso abusivo de Substâncias Psicoativas (SPAs) pelas mulheres, o relatório da UNODC de 2017 aponta que as mulheres começam por bebidas alcoólicas, sobretudo, elas tendem a aumentar a taxa de consumo mais rapidamente do que os homens e experimentar novas SPAs.

Do ponto de vista de Gomes e Brilhante (2021) a sociedade construiu e fortaleceu a ideia por muito tempo que o uso abusivo de drogas, bem como a dependência química era restrita ao universo masculino, entretanto no decorrer das



mudanças de estrutura social, entende-se que o consumo de substâncias ocorre em todos os grupos sociais. Vale ressaltar que para as mulheres a realidade é carregada de estigmas e uma carga social permeada pelas construções de gênero e por serem consideradas responsáveis pelo lar e cuidados de saúde da família (MEDEIROS et al., 2015).

Partindo desse pressuposto, os autores Gomes e Brilhante (2021); Medeiros et al., (2015) apontam que as mulheres tradicionalmente sempre buscaram utilizar os serviços de saúde quando comparadas aos homens, todavia, no que diz respeito a dependência química, existem fatores que podem ser considerados como justificativa para não buscar o serviço: a desinformação sobre as redes de atenção em saúde mental, aceitação do sofrimento psíquico em consequência do uso abusivo de álcool e outras drogas, a rede de suporte familiar fragilizada e os estigmas sociais.

Diante disso, faz-se necessário conhecer as potencialidades e fragilidades do grupo terapêutico no CAPS AD para as mulheres, uma vez que olhar para o que elas desejam e buscam ter de cuidado em saúde mental é uma estratégia de cuidado biopsicossocial. É com base nesta compreensão que a presente pesquisa tem como objetivo avaliar a participação dessas mulheres em uso abusivo de substâncias psicoativas no grupo terapêutico em um CAPS AD de Recife. O trabalho deve ser apresentado em seções e conforme sua categoria própria, apresentando as subdivisões que melhor representem sua estrutura: introdução, revisão da literatura, metodologia, desenvolvimento, resultados e discussão, considerações finais ou conclusão e referências. Cabe aos autores organizarem a estrutura de seu trabalho conforme sua proposta de pesquisa e apresentação de dados.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa trata-se de um estudo descritivo de caráter qualitativo, que foi realizado em um CAPS AD II, localizado na cidade de Recife.



A pesquisa foi submetida à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com seres humanos do Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira - IMIP/PE, sendo aprovado em 09 de outubro de 2024 sob o parecer do CAAE nº 83522724.5.0000.5201.

Após a carta de aprovação emitida pelo CEP IMIP foi realizada uma comunicação com a gestão do CAPS AD e combinado o dia e horário para ir ao serviço realizar a apresentação da pesquisa, a busca em planilha do Microsoft Excel sobre o quantitativo de mulheres admitidas, sendo encontrado o total de 23 mulheres e feito a busca do plano terapêutico de cada usuária com o técnico responsável.

De acordo com os critérios da pesquisa, foram definidos para a coleta de dados mulheres que estivessem participando regularmente uma ou duas vezes por semana dos grupos terapêuticos, desconsiderando aquelas afastadas e com faltas há mais de um mês e como também as admitidas há menos de um mês. Assim, foram incluídas para participar do estudo 12 mulheres. Durante o período da coleta de dados que ocorreu entre outubro a novembro de 2024 foi estabelecida a ida ao CAPS 2x por semana em dois turnos e realizada a entrevista com nove mulheres que estavam participando dos grupos terapêuticos no CAPS AD.

Antes de começar a coleta de dados, foi realizado a apresentação da pesquisa com a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A entrevista ocorreu de forma individual em uma sala fechada no CAPS AD. Durante a realização utilizou-se um caderno de uso pessoal para anotação da ordem das participantes, roteiro das perguntas e para o registro, um gravador de áudio de uso particular. Cada entrevista teve duração de aproximadamente oito minutos e teve todo o seu conteúdo transcrito para a análise das informações.

As participantes tiveram seu anonimato preservado e são citadas neste estudo mediante o uso de código com letra “E”, por ser a inicial da palavra “entrevista”, acompanhada da indicação numérica “E1...” correspondente à ordem de realização das entrevistas.



Para a análise dos dados qualitativos, foi utilizado o método de análise de conteúdo proposto por Bardin. As técnicas de processamento de dados iniciaram com a fase de organização do material a partir da transcrição das informações da entrevista. Em seguida, feita a codificação correspondendo no processo de recortes e agregações e finalizado com a formação das categorias dos eixos temáticos a partir do conteúdo obtido por meio das entrevistas realizadas com as mulheres.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O perfil sociodemográfico das mulheres entrevistadas é apresentado a seguir: sobre a autodeclaração étnico-racial das nove mulheres cinco se autodeclararam parda, três pretas e uma indígena. Com relação a renda, oito encontram-se desempregadas, destas, cinco recebem benefício do bolsa família, duas recebem aposentadoria e uma não recebe nenhum benefício. Somente uma é inserida no mercado informal de trabalho. Sobre o tempo de uso da SPAs, quatro relatam que fazem uso há mais de 10 anos, três usam há menos de sete anos e duas destas iniciou recentemente, pouco menos de dois anos. Além disso, as mulheres entrevistadas têm idades entre 18 e 61 anos.

Com base na análise dos dados das entrevistas, originou-se o delineamento de três categorias: a) O luto como motivo para o uso de substância psicoativa e a busca pelo cuidado em saúde mental; b) O ponto de vista das mulheres acerca do grupo terapêutico; c) Atribuição dos significados produzidos a partir da presença das mulheres no grupo terapêutico, classificando-se as significações do discurso como apresentado a seguir.

### **A PERDA COMO MOTIVO PARA O USO DE SUBSTÂNCIA PSICOATIVA E A BUSCA PELO CUIDADO EM SAÚDE MENTAL**

De acordo com Soccol et al. (2018), as mulheres buscam o uso de substâncias psicoativas a partir de um sofrimento emocional decorrente da interface



das perdas com as relações sociais. Tais perdas que estão atreladas à morte de seus semelhantes, o afastamento do convívio de um familiar, perda de seus sonhos, bem como às perdas financeiras. Foram destacadas nos relatos das participantes a perda de um familiar como um desencadeador para o uso abusivo das SPAs, como declarado a seguir:

Eu estava num momento que tinha perdido minha mãe. E estava num momento que eu já estava, bem dizer, com depressão. Não sabia mais o que fazer, porque eu vi minha mãe morrer e me vi... como se fosse... não aceitar, entendeu. (E4)

Porque eu estava precisando, né? porque também eu tive uma das minhas irmãs que faleceu há pouco tempo. Eu fiquei muito deprimida. (E8)

Passei por um período de falecimento da minha genitora e daí acabei tendo recaída. (E1)

As narrativas das entrevistadas corroboram com a literatura de Dalpiaz et al. (2014), na qual afirma que a tristeza e a perda são fatores que influenciam a busca pelo uso abusivo de álcool e outras drogas como forma de amenizar o sofrimento. O uso das substâncias também proporciona uma fuga de uma realidade sentida como avassaladora, buscando assim, satisfação na droga para fins de enfrentamento de seu contexto social (MATTOS; MAZZA E FIGUEIREDO, 2023). Além disso, Pierry et al. (2021), destaca que as mulheres encontram no uso das substâncias alívio para o sofrimento, angústia, solidão e insatisfação da existência.

Conforme aponta Dalpiaz et al. (2014), a tristeza é um sentimento natural do ser humano, decorrente de alguma perda ou acontecimento desagradável e que a aceitação desse sentimento deve ser considerada normal. Além disso, o autor supracitado ressalta que o uso abusivo pode contribuir para o desenvolvimento de uma comorbidade psiquiátrica, tais como: a esquizofrenia, os transtornos do humor, de ansiedade e entre outros. Todavia, o usuário também pode ter o sofrimento/transtorno mental dissociado do uso abusivo, como fica explícito na fala a seguir:

Foi por causa do medicamento, que eu tava tomando muito pra dormir. (E9)

Eu já tomava meus remédios controlados. Aí, em meio à conversa, disse a ela que não estava aguentando mais, estava precisando de ajuda. (E2)

A comorbidade relativa aos transtornos depressivos e à ansiedade apresenta-se mais frequentemente entre mulheres (OLIVEIRA; NASCIMENTO; PAIVA, 2007). Isto significa que as mulheres que realizam o uso de SPAs podem desenvolver algum transtorno mental decorrente do uso e o transtorno pode ser o motivo pela busca do uso abusivo, como visto na fala anterior.

Partindo dessa perspectiva, encontrar um serviço que acolha suas necessidades vai direcionar o cuidado para que ele seja mais resolutivo. Diante disso, quando se analisa a origem de como essas mulheres conheceram o CAPS AD, nota-se que o acesso ao serviço partiu de encaminhamentos da própria rede de Atenção Básica e Psicossocial, de amigos que tem o conhecimento sobre o CAPS, como também daqueles que já frequentaram:

Eu não conhecia o CAPS. Aí eu falei com uma amiga minha, ela me levou no centro lá na Boa Vista, não lembro o nome. Aí, de lá, eles me encaminharam para cá, para o CAPS do distrito. Eu não conhecia o CAPS AD. (E1)

Conheci através de outro CAPS... que é o de cabeça. Mas ela falou que o meu problema não era nada de cabeça, era da droga. Aí precisava de um, de outro tipo de caps. Aí me mandaram para cá. (E3)

Eu conheci através de uma pessoa que faz parte do CAPS. Eu vim aconselhada através da pessoa que me indicou. (E4)

Eu fazia no de menor. Sendo que eu saí de lá por conta da idade. Aí eu vim pra cá. (E7)

Eu vim por encaminhamento da médica do posto de saúde. Eu só conheci o CAPS aqui. (E9)

Esses resultados apresentam um processo de trabalho articulado em rede, uma vez que o profissional de outra unidade de saúde identifica um sujeito em sofrimento e o encaminha para ser acompanhado no serviço mais indicado para o tipo de cuidado. Ao verificar que mais usuários estão sendo encaminhados pela rede pública, supõe-se que as unidades estejam mais integradas ao CAPS AD efetivando o funcionamento da RAPS (TREVISAN; CASTRO, 2019).

Do ponto de vista de Pinheiro e Nunes (2023), as mulheres podem ir em busca de tratamento devido ao alto grau de sofrimento vivido ou pelo incentivo



recebido por parte de algum suporte social que lhes apoiem e conduzam até o tratamento. As narrativas acima mostram, o acesso ao acolhimento é garantido, contudo não assegura que o cuidado seja efetivado na própria unidade porque depende do endereço que reside. Portanto, os direcionamentos da saúde mental e atenção básica reforçam a importância na perspectiva de integralidade e olhar ampliado sobre o sujeito.

A busca pelo CAPS AD como a adesão estão intrinsicamente ligados ao vínculo entre serviço e profissional da rede de cuidado e da rede de suporte social, mesmo com a hegemonia masculina nesses espaços de cuidado:

É uma maioria masculino, mas assim, são histórias que, no contexto geral de quem faz uso de substância, são coisas muito parecidas (E1).

Pierry et al. (2021) aponta a baixa procura pelas mulheres no referido serviço, mas encontrar acolhimento reforça o sentimento de identidade e de pertencimento, além de ajudar que elas enxerguem o um lugar como de apoio e tratamento em saúde mental. Diante disso, conforme indica Oliveira, Nascimento e Paiva (2007) as intervenções para estas baseiam-se em necessidades masculinas, com pouca consideração para quaisquer diferenças entre os sexos, sejam elas fisiológicas, psicológicas ou sociais.

## **O PONTO DE VISTA DAS MULHERES ACERCA DO GRUPO TERAPÊUTICO**

As relações constituídas a partir de um grupo possibilitam a integração/interação entre os membros, a elaboração de novos conhecimentos e questionamento acerca de si próprio, favorecendo a autoconscientização e a formação pessoal a partir do contato com o outro (RÉZIO; MORAES; FORTUNA, 2018). Isso significa que nos CAPS AD os usuários têm uma assistência que abarca atividades que favorecem a cidadania e a inclusão social.

Os relatos das entrevistadas afirmam que a participação no grupo terapêutico proporciona sensação de melhoria, aprendizado, reflexão no seu processo de cuidado e essas narrações são coesas com a literatura supracitada:



Bom, eu me sinto bem... E assim acaba você escutando as experiências de outras pessoas, você tira aprendizados e começa a entender ainda mais sobre o seu estado. (E1)

Me sinto muito bem. A gente também leva a experiência de outras pessoas também para casa... Então, assim, a gente troca experiências. (E2)

Melhor, né? Porque, ocupa a mente o tempo que eu tô aqui, eu não faço uso. (E4)

Eu gosto. Acho muito bom. Porque, pelo menos, tira a mente da pessoa de outras coisas, né? Que a pessoa faz de errado. Aqui ocupa a mente da pessoa. (E5)

Saio mais animada, né? A gente conversa, a gente brinca, né? A gente sempre sai mais aliviada. (E8)

Conforme evidenciado por Matos; Mazza e Figueiredo (2023), a identificação da mesma situação e a convivência com os usuários do grupo no espaço-tempo pode ser considerada como um fator motivacional para a permanência em frequentar o CAPS AD, principalmente a atividade grupal, tendo em vista que a troca de diálogo fortalece a rede de apoio social e favorece a construção de vínculo.

Diante disso, faz-se necessário ressaltar a importância do grupo terapêutico como benéfico no bem-estar da vida do usuário de saúde mental, haja vista que também auxilia na relação interpessoal. O estudo de Benevides et al. (2010) dialoga com os achados da presente pesquisa, ao considerar que as atividades terapêuticas grupais proporcionam um sentimento de prazer, de entusiasmo e de satisfação para os usuários o que implica na rede de suporte social.

A atividade grupal potencializa as trocas de diálogo e o compartilhamento de experiências. Todavia, é importante destacar que a vivência no coletivo também oportuniza desconforto com pontos negativos:

Você não se sente tão à vontade para contar por ser só uma mulher no grupo ou duas mulheres no grupo e a grande maioria ser o público masculino. Então é o único ponto negativo que às vezes eu sinto. (E1)

Os negativos é que às vezes você não quer ouvir certas coisas que um colega fala, entendeu?! Às vezes são palavras que assim, pode falar na brincadeira, mas às vezes machuca, magoa. (E2)

É às vezes as opiniões, né? De um e de outro, né? Um não concorda, outro concorda, né? (E8)

Embora exista divergência de opiniões, a participação no grupo coloca o sujeito na posição de ouvir, falar e opinar com diversos tipos de pessoas. É um espaço que me permite reconhecer o semelhante e respeitar o diferente. A narrativa corrobora com Menezes e Pegoraro (2019) ao assegurar que as trocas realizadas no grupo auxiliam o sujeito nas formas de estar diante de uma coletividade e o que também pode ser um preparo perante o social.

A experiência do coletivo no grupo terapêutico viabiliza pontos positivos, como citados nas falas a seguir:

Aprendi a falar melhor, que eu não gostava muito de falar, de me comunicar. Não era muito de me comunicar, era mais fechada. Graças ao grupo eu tou me soltando mais. (E4)

A gente se identifica, a gente pode conversar sobre os problemas da gente. (E9)

À vista dessa concepção dos relatos, nota-se que participar do grupo terapêutico vai além da relação social no coletivo: traz a descoberta das potencialidades que possibilita alcançar oportunidades no seu cotidiano fora CAPS AD. É um conceito de espaço coletivo que busca ofertar outros sentidos em suas experiências além do uso da SPAs.

Para entender melhor como funciona os tipos de grupos, vale destacar que as propostas são definidas mediante o interesse dos usuários, profissionais do serviço e, além disso, a necessidade de ambos. De acordo com o Ministério da Saúde (BRASIL, 2004), o grupo utiliza abordagens que se diferenciam em suas formas e linguagens, tais como: atividades expressiva, corporal, verbal e oficinas geradoras de renda. Estas podem ser realizadas dentro do espaço do CAPS ou em atividades extramuros (fora do CAPS), ou seja, no território.

Segundo Fonseca e Gallassi (2021) as atividades extramuros são estratégias articuladas entre os profissionais dos CAPS AD e setores da sociedade com a finalidade de realizar as atividades no território que o usuário habita e transita, como os espaços de lazer, cultura, esporte, educação e trabalho disponíveis na cidade. Diante disso, foram identificados nas falas das entrevistas uma necessidade dessas atividades:



Mais atividades. É, pode ser [...] Passeios, mais passeios. (E4)

Deveria ter mais outros exercícios [...] eu acho que ele devia botar mais coisas, pode ser uma saída para gente para uma biblioteca, ler um livro, ou então, sei lá, um exercício, outra coisa assim, entendeu? (E5)

Deve ser em um lugar mais amplo, né? Mais aberto. (E8)

Poderia ter alguma atividade, eu não sei. Num lugar mais aberto. (E9)

As narrativas revelam o interesse das mulheres por atividades extramuros, nas quais sugerem realizar passeios com lugar a definir em conjunto com o técnico do CAPS AD, ir à biblioteca e a possibilidade de realizar o grupo em um lugar mais aberto, o que implica no redirecionamento da oferta de cuidado em saúde mental ampliando para além do espaço físico do referido serviço para o território.

Esse resultado coincide com a literatura de Fonseca e Gallassi (2021), tendo em vista que reforça a importância de sair dos limites da instituição que as barreiras se apresentam para trabalhar com todos os envolvidos, sejam os próprios usuários do serviço, profissionais de outras áreas, a família e a sociedade. O mesmo, também faz uma provocação quanto a intersetorialidade e transversalidade entre os serviços e a articulação da rede com o transporte, levando em consideração o planejamento e implementação das atividades extramuros.

Os autores Menezes e Pegoraro (2019) reforçam que as atividades esportivas, de suporte social, grupos de leitura e, ainda, atividades comunitárias, sejam elas realizadas dentro ou fora do CAPS integram o usuário, família no serviço e comunidade. Tendo em vista esse desfecho, os lugares da prática dessas ações tornam-se importantes para serem discutidas e pactuadas com as usuárias a fim de promover mais conforto, engajamento e motivação destas para participar dos grupos terapêuticos.

No que tange as atividades de grupo realizadas no CAPS AD, foram destacadas as oficinas:

Eu gosto muito de desenhar, de pintar, colar... Artesanato. Eu aprendi a fazer artesanato, que eu não sabia. (E4)

O artesanato. Gosto muito. Eu gosto de todos eles. De fala e que faça tarefa. (E7)

As oficinas terapêuticas foram divididas em três modalidades: expressivas, geradoras de renda e de alfabetização. As primeiras se caracterizam como um espaço em que variadas linguagens – como a pintura, o desenho, a dança, o teatro, a poesia e o canto – podem ser adotadas para incentivar, basicamente, a expressão plástica, corporal, verbal e/ou musical (OLIVEIRA; PERES, 2021).

Partindo dessa premissa, as oficinas resultam em duas possibilidades de estratégias de cuidado: formas de expressões verbais e não-verbais sobre diversos temas e o repertório de possibilidades que podem atravessar para o campo do trabalho, considerando as habilidades aprendidas e o potencial criativo. Em contrapartida, uma participante mostrou-se insatisfeita com as atividades que ela se encontra inserida:

Eu só acho assim, eu acho muito repetitivo. Por exemplo, a gente chega aqui e só tem aula de artesanato, ou então a gente vem aqui para o grupo e ela faz pergunta a gente. (E5)

Esse ponto de vista faz refletir o que as usuárias buscam e desejam que aconteça no grupo, como também se elas têm o entendimento da finalidade dessa intervenção psicossocial. A narrativa provoca uma observação uma vez que a falta de interesse nas atividades ofertadas devido a ideia de repetição e monotonia pode ser um dos motivadores de abandono em seu acompanhamento em saúde mental. A literatura de Pierry et al. (2021) afirma que a sensação de desconforto pode ser considerada um fator que faz com que as mulheres desistam do tratamento se não for identificada e trabalhada pelos profissionais de saúde.

## **ATRIBUIÇÃO DOS SIGNIFICADOS PRODUZIDOS A PARTIR DA PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO GRUPO TERAPÊUTICO**

De acordo com a literatura de Dalpiaz et al. (2014) a predominância do público no CAPS AD é a masculina e as intervenções terapêuticas, em sua maioria, não enfatizam as particularidades de gênero. Por isso torna-se desconfortável para as mulheres compartilhar algumas vivências no grupo.



A realização dos grupos tem a característica de um grupo heterogêneo - misto (homens e mulheres). O baixo quantitativo de participação das mulheres no grupo também é enfatizado:

Aqui tem poucas mulheres, né? Tem, mas a quantidade é mais de homens. (E4)

Fico um pouco envergonhada porque tem mais homem. (E5)

Assim, quando tem muito homem e tipo, só tem eu de mulher, eu não me sinto bem. Por conta que já aconteceram muitas coisas comigo. (E7)

Porque a gente, às vezes, fica acanhada de conversar, né? Na frente de homem. Eu não sei se eu posso dizer, né? Tipo sexo. Porque a opinião do homem é mais diferente. (E8)

Você não se sente tão à vontade para contar por ser só uma mulher no grupo ou duas mulheres no grupo e a grande maioria ser o público masculino. (E1)

A fala das entrevistadas evidencia o sentimento de desconforto para se comunicar e expressar abertamente na presença de homens. O dado corrobora com Pierry et al. (2021), quando o mesmo afirma que as mulheres sentem vergonha por serem mulheres no espaço com um predomínio de homens, aparecendo sentimentos como constrangimento e arrependimento. Os autores Rézio, Moraes e Fortuna, (2018) acentua a mesma ideia e sobretudo sugere que estas tenham intervenções de grupo específicas.

Baseando-se nessa perspectiva, Pinheiro e Nunes (2023) questionam quais seriam as atividades de grupo voltadas para essas mulheres e suscita temáticas tais como: o desenvolvimento físico e psíquico; a forma como elas interagem socialmente; o sexismo e a forma de se relacionar com os homens; as comorbidades psiquiátricas; traumas e estigmas relacionados ao gênero; a interseccionalidade entre gênero, raça e classe; a maternidade e os obstáculos de acesso ao tratamento, dentre outra diversidade de temas.

Promover um espaço de grupo somente para as mulheres pode ser um facilitador na continuidade do cuidado em saúde mental, entretanto não implica na ausência de participação de outros grupos que são ofertados no referido serviço

uma vez que são propostas diferentes. Sendo assim, foi pontuado outra perspectiva das mulheres acerca da participação no grupo misto:

Ouvir as vivências de outras mulheres [silêncio...]. Pra mim, não tem diferença [...] A gente compartilha conhecimentos. Acho que cada um tem que ter a sua opinião e botar para fora para todo mundo ouvir, falar. Como eu posso dizer? Opinar né! Todo mundo participar. (E2)

Eu gosto de ouvir. Para mim tanto faz, não vejo diferença. (E5)

A reflexão trazida partindo desse entendimento significa que agir de forma indiferente com a heterogenia do grupo é comum, pois não é especificado de que mulher estamos falando, levando em consideração a singularidade de cada mulher, o contexto familiar, social e cultural. Conforme Nunes et al. (2022) o grupo é uma importante ferramenta de construção das relações sociais e comunicação. Assim, essa participação permite identificar o perfil indicado para o tipo de grupo pensando em alcançar a melhora do sofrimento decorrente do uso abusivo das SPAs.

A presença de outras integrantes mulheres no grupo terapêutico tem repercussão na forma como elas interagem de forma significativa, como declarado a seguir:

E eu acho que o ponto para ter o grupo só feminino, ou tentar montar um grupo só feminino. (E1)

Isso é legal. Eu acho bom também. As conversas são outras. (E3)

Para conversar com mulheres é diferente. (E4)

Tendo mais mulher para dar força. Aí se sente mais à vontade. (E8)

Eu me sinto mais à vontade para conversar. Falar algum tema. (E9)

É notória a potencialidade presente no grupo que tem mais mulheres participando, em razão do sentimento comum de acolhimento, identificação e pelo desejo maior de falar e se expressar. Os dados coincidem com a literatura de Rézio, Moraes e Fortuna, (2018), ao apontar que compartilhar experiências semelhantes, expor acontecimentos e fatos da vida ocasionam a identificação entre os participantes e o pertencimento ao grupo.

Portanto, é importante considerar o grupo com ênfase no variável gênero/sexo, pois a identificação e a sensação de prazer ao executá-la favorecem o sucesso no tratamento e a permanência do usuário no serviço.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A realização desse estudo evidenciou que os motivos pelo qual as mulheres procuram o uso abusivo de SPAs está relacionado a questões de ordem emocional e psicológica, principalmente pela perda de um familiar. A busca também acontece através da comorbidade psiquiátrica e as fragilidades vivenciadas na sua rotina. Além disso, a procura pelo serviço de saúde mental foi mediada por encaminhamentos da Rede de Atenção à Saúde. Isto significa que a articulação em rede e conhecimento de outros profissionais sobre o CAPS AD potencializa o acesso facilitando ao serviço e esse direcionamento revela a competência de enxergar o sujeito em sua integralidade.

A participação das mulheres nos grupos terapêuticos realizados no CAPS AD proporciona crítica, reflexão, aprendizados, melhoria de comunicação e relação social, bem como ocasiona desconforto por estar vulnerável em um espaço que a prevalência é do sexo masculino. Dessa forma, para as mulheres pode resultar no desejo em continuar o tratamento, considerando as necessidades e fragilidades, ainda superar os preconceitos e rejeições estabelecidas na sociedade.

O desenvolvimento deste estudo teve a limitação da dificuldade de acesso as mulheres devido ao baixo quantitativo. Portanto, realizar uma pesquisa com elas incluindo todos os CAPS AD da cidade é uma estratégia de aprofundamento sobre a percepção e participação destas no grupo terapêutico. Considerando que na literatura o foco é na população masculina e abordagem quantitativa, novos estudos devem fomentar políticas e/ou programas para as mulheres inseridas na RAPS.

## **REFERÊNCIAS**



BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

BENEVIDES, D. S. et al. Cuidado em saúde mental por meio de grupos terapêuticos de um hospital-dia: perspectivas dos trabalhadores de saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v.14, n.32, p.127- 38, 2010.

BRASIL. **Portaria GM/MS nº 336, de 19 de fevereiro de 2002**. Ministério da Saúde/Secretaria Nacional de Assistência à Saúde.

BRASIL. **Portaria GM/MS nº 816, de 30 de abril de 2002**. Brasília, DF: Ministério da Saúde; 2002.

BRASIL. **Ministério da Saúde. Secretaria Executiva Coordenação Nacional de DST e AIDS**. A política do Ministério da Saúde para a atenção integral a usuários de álcool e outras drogas. Brasília: Ministério da Saúde, 2003.

BRASIL. **Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006**: institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas – Sisnad; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; define crimes e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília-DF, 23 ago. /2006.

BRASIL. **Portaria GM/MS nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011**. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Diário Oficial da União, 2011.

DALPIAZ, A. K. et al. Fatores associados ao uso de drogas: depoimentos de usuários de um CAPS AD. **Aletheia [online]**, v.45, p.56-71, 2014. ISSN 1413-0394.

FONSECA, R. M. A. M.; GALLASSI, A. D. Práticas de cuidado extramuros nos Centros de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas: a ocupação cidadã. **Interface (Botucatu)**,v.25: e200369, 2021.

GOMES, E. R. B.; BRILHANTE, A. V. M. Contações femininas: gênero e percepções de mulheres dependentes químicas. **Saúde e Sociedade**. v.30, n.4, e201050, 2021.

MEDEIROS, K. T. et al. Vivências e Representações sobre o Crack: Um Estudo com Mulheres Usuárias. **Psico-USF**. v. 20, n. 3, p. 517-528. 2015.

MENEZES, G. P.; PEGORARO, R. F. Panorama das Atividades Grupais Desenvolvidas em Centros de Atenção Psicossocial (2006–2016). **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, e189050, p.1-17, 2019.



**Ministério da Saúde.** (2004). Saúde mental no SUS: Os centros de atenção psicossocial. Disponível em: [http://www.ccs.saude.gov.br/saude\\_mental/pdf/sm\\_sus.pdf](http://www.ccs.saude.gov.br/saude_mental/pdf/sm_sus.pdf). Acesso em 02 de dez. 2024.

MATOS, C. M. Grupo terapêutico como ferramenta promotora do processo motivacional no tratamento do uso abusivo de substâncias: um relato de experiência. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 2, p. e9512239954, 2023.

NUNES, F. C. et al. Fatores impulsores e restritivos da prática com grupos em serviços comunitários de atenção psicossocial. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.27, n.1, p.183-192, 2022.

OLIVEIRA, A. L. M.; PERES, R. S. Oficinas Terapêuticas e Cuidado Psicossocial. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 41, e204609, p.1-12, 2021.

OLIVEIRA, J. F.; NASCIMENTO, E. R.; PAIVA, M. S. Especificidades de usuários(as) de drogas visando uma assistência baseada na heterogeneidade. **Escola Anna Nery Revista Enfermagem**, v.11, e.4, 2007.

PIERRY, L. G. et al. Gênero e assistência psicossocial: perspectiva de usuárias sobre o Caps-Ad. **Pesquisas e práticas psicossociais**, v,16, n.1 e-3373, 2021.

PINHEIRO, C. M.; NUNES, M. Tratamento para mulheres que usam drogas: uma crítica sob a perspectiva do feminismo decolonial. **Psicologia & Sociedade**, v. 35, e259943, 2023.

UNODC, 2023. Relatório Mundial Sobre Drogas – (UNODC). Disponível em: <https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/frontpage/2023/06/relatrio-mundial-sobre-drogas-2023-do-unodc-alerta-para-a-convergencia-de-criises-e-contrnua-expanso-dos-mercados-de-drogas-ilcitas.html>. Acesso em 15 dez. 2024

RÉZIO, L. A.; MORAES, P. D.; FORTUNA, C. M. Ressonâncias de um grupo na vida das mulheres de um serviço de saúde mental. **Revista enfermagem UERJ**, v. 26, e11359, p. 01-05, 2018.

SOCOL, K. L. S. et al. Motivos do abuso de substâncias psicoativas por mulheres assistidas em Centro de Atenção Psicossocial. **Revista Gaúcha Enfermagem**, v.39, e20170281, 2018.

SURJUS, Luciana Togni de Lima e Silva; FORMIGONI, Maria Lucia O. Souza; GOUVEIA, Fernanda organizadoras. Redução de Danos: Conceitos e Práticas.



Material Comemorativo aos 30 anos de Redução de Danos no Brasil. São Paulo: UNIFESP / UNIVESP; 2018. 56 p. ISBN: 978-85-62377-21-1.

TREVISAN, E. R.; CASTRO, S. S. Centros de Atenção Psicossocial – álcool e drogas: perfil dos usuários. **Saúde em debate**, v. 43, n. 121, p. 450-463, 2019.

